pes, sentimos e compreendemos as causas e fins da revolução de 1820 nas páginas de descrição e de lúcida crítica que lhe dedicou Herculano. A grandeza e imortalidade da obra destes dois historiadores está estreitamente ligada á grandeza e magnitude dos acontecimentos que viveram, e que marcam duas etapas decisivas na vida da nacionalidade, pois se um veio dar o poder á burguesia mercantilista que originou as descobertas, o outro deu o poder á burguesia industrial e criou o mundo em que vivemos.

Herculano trouxe á análise histórica um método científico e uma sagacidade invulgar, e á crítica um juízo imparcial e um racionalismo despido de idéas místicas — embora fôsse um crente — que lhe permitiram forjar e temperar uma obra que o tempo não destruirá. Procurou na nossa evolução histórica, não os períodos decadentes e apagados, mas períodos mais gloriosos da meia-idade, quando as liberdades populares, fruto do municipalismo, se iam desenvolvendo progressivamente e a nova constante luta, ora servindo aos reis contra os nobres, ora os nobres contra os reis, mas aproveitando sempre alguma coisa com essas lutas, tornando sempre mais amplas as suas liberdades, ia assim alicerçando as bases da nacionalidade. A «História de Portugal» toma a feição dum padrão imarcescível das liberdades municipais da meia-idade, que Herculano queria ver realizadas nos nossos dias, e de um monumento crítico ante o qual ruíram as invencionices históricas ditas por um falso patriotismo e por uma fé ignara, fruto de dois longos séculos de menoridade intelectual.

A batalha travada em volta da obra de Herculano nada mais é do que o eco apagado das invencionices de Brito, Brandão e sequazes. Os ataques que Herculano sofreu por rechassar o milagre de Ourique e não ligar importância á tão célebre batalha, dividiram então a lusa intelectualidade em

dois campos que duramente se guerrearam, terminando esta batalha de papel e tinta, como não podia deixar de ser, pela vitória do espírito científico de Herculano e seus partidários. O milagre de Ourique começou com as falsificações de Brito em 1597 e termina com as falsificações do pseudo arabista Caetano Pereira por voltas de 1850, se é que não encontra ainda algum defensor com a probidade intelectual dos atrás citados...

O lado construtivo, aquilo que imprime um cunho bem marcado á obra de Herculano, é o seu amor ás classes laboriosas da nação, amor tantas vezes manifestado em obras e palavras: é o seu liberalismo ardente, pelo qual lutou como soldado, e da confiança que tinha no futuro que a revolução liberal, ainda por realizar, segundo êle, daria á nacionalidade. O seu grande amor ao país em que nascera e á liberdade que o deveria engrandecer, como outrora o tornara próspero e grande, foram as características fundamentais de tóda a sua obra, a pedra de toque que a faz destacar de similares trabalhos. Foi êste amor ardente que lhe imprimiu aquele cunho combativo e de nobre intransigência, que nos escritos dos «Opúsculos» tam claramente se revela. Como muito bem notou o sr. Fidelino de Figueiredo, Herculano se não escreveu sôbre tóda a história de Portugal interpretou-a tóda, nos seus variadíssimos escritos. E em tóda essa interpretação aparece sempre o seu grande amor pelas liberdades populares e pela nacionalidade, que êle nem queria nem podia distinguir.

As características fundamentais da historiografia romântico-liberal são, pois, a sua confiança no futuro e crença no progresso, o seu racionalismo, o seu amor pela meia-idade (tam característico na época romântica) e a sua feição crítica, pois sempre se tem de destruir, quando algo se quiere construir que seja merecedor de perdurar e viver.

V

A historiografia realista

A revolução liberal que foi a consequência política do desenvolvimento tomado pela burguesia industrial e financeira criou as

condições para o pleno desenvolvimento dessas classes e sua consolidação no poder.

O período áureo, mas efêmero, a que